

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

A influência da concepção de política e educação dos socialistas fabianos na formação do pensamento de Karl Korsch: notas introdutórias.

Pedro Leão da Costa Neto¹

RESUMO: O objetivo da presente comunicação é investigar, quais são os motivos da elaboração teórica dos Socialistas Fabianos que se manifestam na formação do pensamento de Karl Korsch. Partindo de uma análise, da concepção teórica desenvolvida pelos fabianos e das diferentes relações que se estabeleceram entre eles e o marxismo; tentaremos mostrar a importância da concepção fabiana de política e educação e como ela se manifesta, por um lado, no caráter anti-metafísico e prático da teoria korschiana, e por outro lado na sua crítica a social-democracia alemã.

PALAVRAS-CHAVES: Socialismo Fabiano, Karl Korsch, Marxismo.

RESUMÉ: Le sujet du Travail ci-dessous, c'est une recherche sur la contribution de la réflexion développée par les Socialistes Fabien sur la formation de la pensée théorique de Karl Korsch. En partant, d'une caractérisation des traits principaux des fabiens et des différentes relations qu'ils ont établis avec le marxisme ; nous essayerons d'indiquer cette influence dans les conceptions anti-spéculatives du socialisme korschien et de sa critique de la social démocratie allemande.

MOTS-CLÉS: Socialisme Fabien, Karl Korsch, Marxisme.

A Fabian Society foi fundada, em 1884, por um grupo que reunia burgueses e intelectuais. Entre seus membros podemos destacar Edward Pease, por mais de duas décadas seu secretário, George Bernard Shaw, Annie Besant, Sidney e Beatrice Webb entre outros. O nome da Sociedade era uma referência ao general romano Fabius Maximus Cunctator conhecido como o Temporizador, Frank Podmore, um de seus fundadores, escreve a este respeito, o que se transformará no lema da sociedade: “É necessário esperar o momento preciso, como Fabius teve a paciência em sua luta contra Aníbal, apesar das críticas das quais ele era objeto por sua lentidão, mas quando o momento chegar, é necessário saber bater forte, como fez Fabius”. (COLE, 1974: 110). Se o lema originariamente remetia a necessidade de uma preparação antes de toda ação, posteriormente, ela passou igualmente a expressar, uma das suas principais características, o gradualismo das ações políticas propostas. (COLE, 1974; DROZ, 1982; HOBBSAWM, 1981).

¹ Universidade Tuiuti do Paraná

Em um de seus documentos programáticos, redigido em 1887, a Sociedade Fabiana assim se caracteriza:

A Sociedade Fabiana é composta de socialistas. Portanto essa tende a reorganização da sociedade através da emancipação da terra e do capital industrial da propriedade individual ou de classe e o seu transferimento à comunidade em nome do interesse geral. Somente deste modo os recursos naturais e as vantagens adquiridas do país poderão ser divididas equitativamente entre toda a população. (SALSANO, 1981: 387).

E acrescenta, referindo aos métodos a serem utilizados para a sua efetivação:

Para alcançar tais objetivos, a Sociedade Fabiana confia na difusão das idéias socialistas e sobre as mudanças sociais e políticas que assim conseguirem., essa procura promover tais mudanças mediante a divulgação do conhecimento entorno dos aspectos econômicos, éticos e políticos da relação indivíduo-sociedade. (IDEM: 387-388).

Aparece aqui um dos aspectos fundamentais da concepção política dos fabianos, ou seja, a importância atribuída ao papel da educação e da difusão das idéias socialistas. Igualmente importante será, como já nos referimos anteriormente, a defesa do caráter gradual da transição a nova sociedade: “O que significa então especificamente uma transição gradual a social-democracia? Significa a gradual extensão do direito de cidadania, e o transferimento da renda e do lucro ao Estado, não em bloco mas em parcelas.” (IDEM: 390).

Particularmente importante para entendermos suas diferenças em relação ao marxismo, e a influência que exerceram sobre Eduard Bernstein, são as palavras características do, já citado, dirigente fabiano E. Pease:

Os *Ensaio Fabianos* defendiam a tese do socialismo em uma linguagem simples que todos poderiam compreender. Baseavam-se no socialismo, não em especulações de um filósofo alemão, senão na evolução da sociedade como observamos ao nosso redor. Aceitarão a ciência econômica como ensinavam professores ingleses de prestígio; construíram o edifício do socialismo sob os fundamentos de nossas instituições políticas e sociais existentes, provaram que o socialismo não era nada mais que o próximo passo no desenvolvimento da sociedade, que havia um fato inevitável nas mudanças produzidas como consequência da revolução industrial do século XVIII. (PEASE apud COLE, 1974: 115).

Outra característica da política adotada pela Sociedade era a “impregnação”, ou seja, a tática “de infiltrar-se nas organizações liberais, tanto ao nível nacional quanto ao nível local, para fazer penetrar pouco a pouco as idéias socialistas ou socializantes”. (DROZ, 1982: 366).

Como já foi dito acima, um dos importantes aspectos da sociedade foi justamente de educação e de difusão das idéias socialistas, importante exemplo destas atividades são por exemplo a elaboração de inúmeros panfletos (48 entre 1884 e 1893, 128 entre 1893 a 1914) e conferências (só no ano de 1888 chegaram a 721). (IDEM: 365-366). Em um artigo dedicado a Beatrice Webb, o estudioso espanhol Gorostiza observa a este respeito:

os fabianos entendiam que o meio fundamental para levar a cabo seu trabalho deveria ser a educação e a propaganda através de artigos, folhetos, conferências e instituições. ‘Educar, agitar, organizar’ era seu lema. Neste sentido é destacável que o matrimônio Webb fundará em 1895 a ‘London School of Economics and Political Science’. (GOROSTIZA, 2007: 10).

Das observações acima podemos depreender uma série de características políticas do movimento fabiano: pragmatismo, gradualismo, a importância dada a educação e a difusão das idéias socialistas e a tática de impregnação.

Antes de passarmos a análise do impacto do socialismo fabiano entre os marxistas, cabe ainda aqui lembrar, alguns importantes pontos.

O primeiro, se refere a crítica a teoria do valor de Marx. Referindo-se as críticas endereçadas a Marx na Inglaterra vitoriana, Hobsbawm observa: “Foi num grupo de discussão em hampstead no qual Wicksteed, Edgeworth, (...), Shaw, Webb, Wallas, Olivier e alguns outros discutiram *O Capital*, que muitos dos *Fabian Essays* amadureceram.” (HOBSBAWM, 1981: 252).

Cabe destacar que será o próprio Shaw que escreverá no volume coletivo, *Ensaio fabianos sobre o socialismo*, que se transformou em uma das principais obras programáticas dos fabianos, o artigo dedicado a Economia, e será também ele, entre outros, influenciado pelo marginalismo e pela teoria da utilidade marginal, que será um dos críticos da teoria do valor de Marx.

O segundo nos remete, a importante produção teórica do casal Beatrice e Sidney Webb, em particular os seus estudos dedicados aos sindicatos: *The History of Trade Unionism* (1884) e *Industrial Democracy* (1897). (COLE, 1974; GOROSTIZA, 2007).

Por fim, como observou, Hobsbawn, referindo-se a influência dos fabianos acentuou os aspetos associados a um conteúdo positivo para o socialismo, a vontade e a educação: “Os fabianos, ele pensava, introduziram um elemento voluntarista no socialismo por sua insistência na educação socialista do povo e uma ‘fórmula positiva para a construção socialista’ mediante suas discussões sobre o controle da indústria”. (HOBSBAWM, 1982: 158).

A relação entre os Marxistas e os Socialistas Fabianos nunca foi unívoca. Desde a fundação da sociedade em 1884, Engels manteve uma forte reserva em relação aos fabianos, reserva esta que só tendeu a aumentar na medida que estes exerciam uma influência sobre o movimento social-democrata. Podemos encontrar exemplos destas críticas na correspondência de Engels na última década da sua vida. Dentre as inúmeras cartas de Engels, podemos citar a conhecida, carta a F. A. Sorge, na qual afirma:

Os fabianos são um grupo de ambiciosos londrinenses, que compreenderam o bastante para darem conta da inevitabilidade da revolução social, porém que não poderiam confiar esta gigantesca tarefa somente ao rude proletariado, e que por isso têm a amabilidade de porem-se a frente. O princípio fundamental deles é o temor da revolução. São os “cultos por excelência. (...) Este socialismo é apresentado como uma consequência extrema porém inevitável do liberalismo burguês, em consequência do qual seguem a tática de não oporem-se resolutamente aos liberais enquanto adversários, senão de empurrá-los em direção das conclusões socialistas, de enganá-los, de *permeate liberalism with socialism*. (...) Naturalmente, não se dão conta, que eles mesmos se mentem e se enganam, ou enganarão o socialismo. (MARX e ENGELS, 1977: 627-628).

As sucessivas observações e advertências de Engels entretanto, não impediram que Eduard Bernstein, primeiro se aproximasse e fosse depois significativamente influenciado pelas concepções fabianas. Estas influências se manifestarão nos escritos de Bernstein, dedicados à revisão e adequação da teoria social-democrata a sua prática, abandonando os objetivos finais abstratos. (GUSTAFSSON, 1975).

Igualmente contrário as concepções defendidas pelos fabianos será V. I. Lênin. Em diferentes momentos, o dirigente da vitoriosa revolução de outubro, manifestou-se criticamente e ironicamente em relação as concepções da sociedade, retomando as observações anteriormente desenvolvidas por Engels, de quem mais de uma vez citou a correspondência com Sorge. Lênin chegou a definir os fabianos como: “a expressão mais acabada do oportunismo e da política operária liberal”. (LENINE, 1976: 268). É importante também lembrar que Lênin e Rosa Luxembourg já identificavam a influência dos fabianos na elaboração revisionista de Bernstein.

É importante aqui destacar, que o livro *The History of Trade Unionism* escrito por Beatrice e Sidney Webb será traduzido, para o alemão por Eduard Bernstein,; e em russo, V. I. Lenin traduzirá o primeiro volume e revisará a tradução do segundo.²

Podemos agora nos ocupar das relações entre o pensamento de Korsch e o

² É curioso, aqui observar, que Hobsbawm em seu artigo Lênin e a “Aristocracia Operária”, afirma que Lênin teria traduzido, *Industrial Democracy* e não *The History of Trade Unionism*. (HOBSBAWM, 1982: 127). Cf. a este respeito as cartas de Lênin a sua família: (LENINE, 1977).

socialismo fabiano.

Após concluir os seus estudos universitários em 1911, Karl Korsch morou na Inglaterra entre 1912-1914, aonde trabalhou com o Professor de Direito Ernest Schuster, na tradução e comentário para a edição alemã, do seu livro sobre Direito Civil e Processual Inglês. É justamente durante este período, que Korsch entram em contacto e se filiam à Fabian Society, sendo “a primeira organização a que ele pertenceu”. (KORSCH, 1973: 117-118).

Primeiramente nós podemos identificar uma série traços exteriores, da influência desta sua experiência em sua trajetória intelectual por exemplo: a redação, em 1912, para a já citada revista *Die Tat*, de um artigo intitulado “*Die Fabian Society*”, da utilização do conceito “democracia industrial”, título de uma obra importante obra redigida pelo casal Webb e da organização da tradução, em 1919, da edição alemã, de um escrito de G. B. Shaw.

Entretanto, existem na reflexão posterior de Korsch –em particular até o início dos anos 1920, elementos originários do Socialismo Fabiano, que trataremos agora identificar.

A presença desta influência fabiana, já foi observada por um conjunto de comentadores da obra de Korsch e pode nos ajudar a entendê-las.

Por exemplo, S. E. Bronner (1997: 22) afirma:

Embora cético quanto à política burocrática e reformista da Sociedade, foi influenciado por sua concepção anti-metafísica e “prática” do socialismo. Os fabianos também rejeitavam o determinismo fatalista do marxismo ortodoxo e, dado seu encontro anterior com o idealismo alemão, tinha sentido que Korsch desenvolvesse uma ênfase sobre a consciência e outros fatores ‘subjettivos’ com respeito à luta da classe trabalhadora.

No mesmo sentido observa Kołakowski (1989: 1036):

Korsch apesar de toda crítica fundamental a toda forma de reformismo, afirmava que tanto os revolucionários, como os reformistas britânicos eram movidos por uma verdadeira vontade de socialismo e conhecem o peso das condições subjetivas, no lugar de esperar como os ortodoxos da II Internacional, na boa vontade das causas do determinismo histórico.

Por sua vez, Agostino Carrino (1981: 173-176), excessivamente crítico em relação à tradição marxista, observa que o que sempre atraiu a atenção de Korsch, foi a “vontade prática” deste movimento, “a ‘praticidade’ do *ethos* anglo saxão tão distante do ‘conceitualismo’ alemão”, e acrescenta citando o escrito de Korsch, sobre os socialistas

fabianos, que estes, ‘mesmo não se distanciando da teoria, nunca a elevaram a um fim em si mesmo como fazem os alemães’.”

O editor das obras de Korsch, M. Buckmiller nos oferece importantes indicações para compreendermos as relações de nosso autor, com os socialistas fabianos:

Durante a sua estadia na Inglaterra, entre 1912 e 1914, Korsch foi membro da organização socialista não revolucionária da Fabian Society, de caráter propagandístico e recrutado principalmente de intelectuais. Os fabianos se consideravam como uma vanguarda, ainda que evidentemente em um sentido distinto de Lênin. Não concebiam sua tarefa como a organização do poder político, senão como a educação socialista do conjunto da população. Pois bem, o que Korsch admira nessa organização é a flexibilidade teórica e prática e a sua superioridade intelectual em relação as outras organizações socialistas, sua atitude ativista e, sobretudo, seu caráter elitário. Nessa época crítica a crescente passividade e escassa concretude teórica da social-democracia, que designa globalmente como tendência marxista do socialismo, ambas atitudes que se revelam no caráter meramente negativo de seu anticapitalismo vazio. A social-democracia não possui uma fórmula positiva da organização da economia política socialista, limitando-se simplesmente a consigna “socialização dos meios de produção”. E da não elaboração dessa fórmula se apresenta o perigo ainda maior de uma decomposição sindicalista, com suas reivindicações muito mais simples e próximas do operário fabril. (BUCKMILLER, 1973: 116).

Especialmente importantes para compreender as relações entre Korsch e os fabianos são os artigos de Korsch, escritos para a revista *Die Tat*. Em um escrito de 1912, “A fórmula socialista para a organização da economia”, “o único de seus artigos pré-bélicos que Korsch fará referimento nos anos sucessivos” (RUSCONI, 1982: 5), no qual desenvolverá uma crítica do caráter abstrato das concepções anti-capitalistas da social-democracia, em particular da expressão “socialização os meios de produção”, observando que esta é uma concepção puramente negativa, sem um conteúdo positivo, e que se tornaria prejudicial no momento que o socialismo se colocasse na ordem do dia. (KORSCH, 1982: 9-10). Nosso autor afirma: “O termo “socialização dos meios de produção” é um a fórmula que não diz nada, que não reúne realmente as diversas formas da realidade econômica desejada e até agora realizada, senão que as reúne apenas em uma unidade aparente.” (IDEM: 11).

A problemática da “socialização os meios de produção” adquire uma importância prática decisiva, após a crise revolucionária alemã, iniciada em novembro de 1918. (RUSCONI, 1973: 1198). A grande parte da atividade publicística, dos anos 1919-192, é dedicada justamente a esta questão e estão fortemente marcados por um caráter jurídico, devido não somente a sua formação intelectual, mas antes de tudo a sua intenção prática imediata. (GERLACH, 1975: 13). Por exemplo, em seu artigo de 1919, “O Problema da Socialização antes e após da Revolução”, Korsch retorna as suas críticas, uma a ausência na

teoria e na prática da social democracia, de uma “fórmula positiva para a organização socialista da economia nacional” (KORSCH, 1982: 20), que após a revolução adquiriram uma urgência ainda maior.

No mesmo ano de 1919 publica a brochura: *O Que é a Socialização?*, como primeiro volume da coleção por ele mesmo dirigida: *Sozialpolitische Schriftenreihe*; como observa Stephen Bronner, esta coleção era “feita nos moldes dos empreendimentos educacionais dos fabianos” (BRONNER, 1997: 24), nesta mesma série, Korsch publicará os escritos sobre socialização de Félix Weil – filho do financiador da futura Escola de Frankfurt.

No ponto 21, da referida brochura: *Que devemos fazer? A Educação para o Socialismo*, desenvolve a questão da importância da educação, para desenvolver condições que favoreçam a luta pela realização do socialismo. Neste sentido, Korsch afirma:

(...) A transição para a economia socialista pode ser eficazmente favorecida desde fora do âmbito da ação política, da auto-defesa cooperativa e da luta sindical pela definição contratual de condições mais vantajosas, somente através de uma infatigável atividade *educativa* desenvolvida na direção da geração que esta crescendo. Aqui se localizam as grandes tarefas daqueles homens cujo desejo apaixonado e entusiasmo revolucionário não serão jamais satisfeitos pelo desenvolvimento das relações sociais de produção, sempre lento e sujeito a diferentes paradas e contragolpes. (KORSCH, 1973: 57-58).

Acreditamos, por fim, ser importante, para uma reconstrução da história das diferentes correntes do marxismo no século XX, retornar a estas questões relativamente pouco estudadas, particularmente no Brasil, para tentarmos no início do século XXI realizar um balanço das diferentes tradições marxistas e revolucionárias, sem os diferentes pré-julgamentos ideológicos, que em grande parte marcaram a história passada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRONNER, S. E. *Da Teoria Crítica e seus teóricos*. Campinas: Papirus, 1997.
- BUCKMILLER, M. Observaciones sobre la Crítica de Korsch de Oskar Negt. In: SUBIRATS, E. *Karl Korsch o el nacimiento de una nueva época*. Barcelona: Anagrama, 1973.
- CARRINO, A. *Stato e Filosofia nel Marxismo Occidentale* Saggio su Karl Korsch. Napoli: Eugenio Jovene. 1981.
- COLE, G. D. H. *Historia del Pensamiento Socialista* Vol. III La Segunda International. 2ª reimpr., México: FCE, 1974.

DROZ, Jacques (Org.). *Histoire Generale du Socialisme* Tomo II: De 1875 à 1918. 2ª ed., Paris: PUF, 1982.

GERLACH, E. Introducción a Karl Korsch, *Que es la Socialización?*, In: KORSCH, K. *Que es la Socializacion?* Barcelona: Ariel, 1975.

GOROSTIZA, J. L. R. Beatrice Webb y el Socialismo Fabiano. Disponível no site: <http://www.ucm.es/BUCM/cee/doc/01-13/0113.pdf>. Acessado em 15 de fevereiro de 2007.

GUSTAFSSON, Bo. *Marxismo y Revisionismo*. La critica bernsteiniana del marxismo y sus premisas histórico-ideológicas, Barcelona: Grijalbo, 1975.

HOBBSAWM, E. J. *Os Trabalhadores* Estudos sobre a História do Operariado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

HOBBSAWM, E. J. *Revolucionários* Ensaio Contemporâneos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

KELLNER, D. *Karl Korsch: Revolutionary Theory*. Austin-London: University of Press, 1977.

KOŁAKOWSKI, L. *Główne Nurty Marksizmu* Volume III: Rozkład. Varsóvia: Wydawnictwo Krag / Pokolenie, 1989.

KORSCH, K. *Marxisme et Philosophie*. Paris: Minuit, 1964.

KORSCH, K. *Que es la Socializacion? Un Programa de Socialismo Practico*. Buenos Aires: Cuadernos de Pasado y Presente nº 45 - Siglo XXI, 1973.

KORSCH, K. *Lucha de classes y derecho del trabajo*, Barcelona: Ariel, 1980.

KORSCH, K. *Escritos Políticos I*. México: Fólhos, 1982.

LENINE, V. I. Le Pacifisme Anglais et l' aversion Anglaise pou la Théorie. In: LENINE, V. I. *Oeuvres* Tome 21, Moscou/Paris: Progrès/Sociales. 1976.

LENINE, V. I. *Oeuvres* Tome 37: Lettres à Famille. Moscou/Paris: Progrès/Sociales. 1977.

MARX, K. e ENGELS, F. *Correspondência*. México: Cultura Popular, 1977.

RUSCONI, G. E. La problemática dei consigli in Karl Korsch. In: Storia del Marxismo Contemporâneo. *Annali Istituto Giangiacomo Feltrinelli*. Milano: Feltrinelli, 1973.

RUSCONI, G. E. Introducción. In: KORSCH, K. *Escritos Políticos I*. México: Fólhos, 1982.

SALSANO, A. (Org.). *Antologia del Pensiero Socialista*. Volume III: La Seconda Internazionale Tomo 2. Roma-Bari: Laterza, 1981.